

AULAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: da prática da tradução ao uso das tecnologias educacionais

LESSONS OF FOREIGN LANGUAGES: of the practice of the translation the use of the educational technologies

José Geovânio Buenos Aires Martins¹

“El concepto de texto definitivo no corresponde sino a la religión o al cansancio”.
Jorge Luis Borges (2001).

RESUMO

Este artigo tem como meta, discutir a história da tradução no Brasil, e no mundo, dando destaque para o uso do dicionário por alunos e professores de línguas estrangeiras L2; visto que o dicionário é um dos recursos educacional mais acessível ao estudante de L2. Ao passo, que existe também outros mecanismos de tradução; para a aprendizagem de L2, sendo todos eles apresentados ao longo do desenvolvimento deste estudo. Portanto, este artigo discorre ainda, sobre o uso das tecnologias educacionais, para o ensino de L2; destacando quais são estas tecnologias, e, diferenciando tecnologias educacionais de tecnologias da informação e da comunicação TICs. O principal objetivo desta investigação é o de investigar se o dicionário utilizado em aulas de L2, pode ser considerado tecnologia? Uma vez que seu uso é bastante recorrente em aulas de línguas estrangeiras. Sendo assim, é de fundamental importância que professores de L2, conheçam como utilizar não apenas o dicionário, mas munir-se de outras possibilidades, para o ensino de L2, haja vista, o desejo dos alunos de se tornarem proficientes em línguas estrangeiras. E, a escola, é o principal meio, para que discentes tenham acesso ao aprendizado de uma segunda e/ou terceira, quarta, quinta língua estrangeira; e, para isso os professores de L2 precisam estar preparados para o uso de novos recursos, pois é bem verdade que vivemos na era da tecnologia e da informação. Para alcançar tudo isso, fez-se uma pesquisa bibliográfica, como não poderia deixar de ser; pautada em diversos autores.

Palavras-chave: Aprendizagem; Línguas Estrangeiras; Dicionário; Tecnologias.

ABSTRACT

This article aims to discuss the history of translation in Brazil and in the world, highlighting the use of the dictionary for students and teachers of foreign languages L2; since the dictionary is one of the most accessible to the student L2 educational

¹ Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (Campus Senador Helvídio Nunes de Barros), Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei-FECR; Organização do Trabalho Pedagógico: orientação educacional, supervisão e gestão escolar e, em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, ambas pelo o Centro Universitário Internacional UNINTER. Docente do Ensino Básico nas Escolas Estaduais da SEDUC-PI: Escola Teresinha Nunes e Unidade Escolar Petrônio Portela. Professor Pesquisador na área de Educação e Tecnologias. Professor Colaborador da Faculdade Ágora. E-mail (profgeovanio@gmail.com).

resources. Whereas, there is also other translation mechanisms; for the learning of L2, all of which are presented throughout the development of this study. Therefore, this article further elaborates on the use of educational technologies for teaching L2; highlighting what these technologies, and differing educational technologies of information and communication technologies TICs. The main objective of this research is to investigate whether the dictionary used in L2 classes, can be considered technology? Since its use is fairly frequent in foreign language classes. It is therefore of fundamental importance that L2 teachers know how to use not only the dictionary, but provide himself with other possibilities for L2 teaching, given the desire of students to become proficient in foreign languages. And the school is the primary means, so that students have access to the learning of a second and / or third, fourth, fifth foreign language; and for that L2 teachers need to be prepared for the use of new features, it is true that we live in the age of technology and information. To achieve all this, there was a literature search, as it should be; guided by several authors.

Key-words: Learning; Foreign Languages; Dictionary; Technologies.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em mundo conectado por fios e à aprendizagem de uma segunda língua é condição **sine qua non**, para estudantes do Ensino Básico; o ritmo de crescimento das cidades, as transações comerciais internacionais, a música estrangeira e a própria internet, obriga este estudante do Ensino Básico a ter domínio de outras línguas estrangeiras.

Diante dessa conjuntura, os professores de L2 precisam ter domínio de recursos variados, pois o dicionário sozinho, e utilizado como metodologia, para o processo ensino-aprendizagem, já não é mais capaz de despertar o interesse deste aluno do Ensino Básico. Forçando muitos destes a procurar cursos de idiomas; na crença de que a escola não é capaz de desenvolver o aprendizado na área de L2.

E o que diz a Lei Darcy Ribeiro sobre o ensino de Línguas Estrangeiras? A Carta Magna de 1988? Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira? E os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio? Principais documentos que direcionam o ensino de L2.

A, exemplo, do ensino de língua materna L1, o ensino de L2 precisa ser atraente. O docente, precisa de formação específica na área, maestria, vontade de imprimir novas tecnologias; somente assim, sairemos do velho preconceito cultural ditado por alunos: “aulas de línguas estrangeiras servem apenas para encher

linguista”. Que professor de L2, nunca ouviu essa expressão, pelos corredores de escolas piauienses? Seria então uma generalização do autor deste artigo?

Partido de tais pressupostos, o artigo trará respostas claras às perguntas feitas. Por fim, será apresentado um esboço histórico sobre as práticas de tradução em aulas de L2, o uso muitas vezes incentivado e/ou reprimido do dicionário, e, a diferença entre tecnologias educacionais e TICs. Não descartando, a importância da figura do professor, para o processo ensino-aprendizagem de L2.

Como já explanado do resumo deste artigo, o seu objetivo principal de estudo é investigar se o dicionário utilizado em aulas de L2 pode ser considerado tecnologia? Logo, é o professor de L2 que garante um ensino de qualidade, e não apenas o uso desenfreado de tecnologias educacionais. As tecnologias são recursos, para que o professor em sua arte de ensinar alcance o sucesso pretendido, por ele próprio, pela escola, pelos documentos que regem sua prática de ensino, e pelos alunos; seu maior trunfo, pois, o estudante espera uma aula quer seja capaz de desenvolver sua proficiência.

2 CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

“La manière de bien traduire d’une langue en autre”.
Etienne Dolet (1546).

Qual relação o ensino de L2 mantém com as práticas de tradução? A essa pergunta, a resposta é óbvia; o ensino de línguas estrangeiras é fruto do capitalismo. O interesse crescente pela exploração comercial; fez surgir uma figura importante: a do tradutor de línguas. No início algo tímido, mas logo essa profissão é ascendida pelo desejo crescente de implantação do estudo de L2, nas escolas de todo o mundo. E, assim, surge o uso do dicionário, para o processo ensino-aprendizagem de L2.

Tratar então da história da tradução nos remete, segundo Bergmann; Lisboa (2013, p. 16), ao século I a. C; a considerar que essa história teve início com Cícero e Horácio, dois tradutores romanos.

A essa situação, não existe consenso entre os estudiosos da área. Grande parte destes defendem que não se podem precisar rótulos a aquilo que não é unanimidade entre os vários teóricos do assunto.

Visto então, que não é possível afirmar com exatidão, a data precisa em que teve início as primeiras traduções de textos no mundo e no Brasil, Bergmann; Lisboa (2013, p. 18), enfatiza que a tradução como componente curricular surge no século XVI; surgindo a partir daí várias teorias; que norteiam o ensino de línguas estrangeiras em todo o mundo. Aqui será dada especial atenção às várias teorias que norteavam e que ainda continua subsidiando o ensino de L2.

A primeira teoria aceita sobre a tradução como disciplina; vem do francês Etienne Dolet (1509-1546), sendo que para esta teoria Etienne Dolet, prescreve cinco princípios básicos; aqui retratados conforme Basnett (2005 apud BERGMANN; LISBOA, 2013, p. 18-9, grifo das autoras):

- a. **É imprescindível que o tradutor entenda completamente o sentido e o significado do autor original, embora seja livre para esclarecer os pontos obscuros.**
- b. **É necessário que o tradutor domine perfeitamente tanto a língua-fonte quanto a língua-meta.**
- c. **O tradutor deve evitar a tradução palavra por palavra.**
- d. **O tradutor deve usar formas de discurso de uso corrente.**
- e. **O tradutor deve saber escolher e ordenar as palavras adequadamente, para expressar o tom correto.**

O que merece ser criticado nesta teoria? A teoria de Dolet, nos quatro primeiros pontos: a, b, c, d, não é direcionada ao ensino, mas ao profissional de tradução especializada.

Dando um passo adiante, no século XVII, surge a segunda teoria que ficou conhecida, segundo Bergmann; Lisboa (2013, p. 20), por reconhecer o tradutor como coautor do texto traduzido.

Ainda, segundo, Bergmann; Lisboa (2013, p. 20), no século XVIII, surge à terceira teoria, que vai de encontro com a segunda teoria, pois tradutor e autor do texto estavam separados temporalmente; devendo o tradutor manter o sentido real do texto traduzido, mas podendo sempre adaptar o texto traduzido, para evitar incompreensões por leitores.

Já, o século XIX, pode ser visto como o século do retrocesso, pois cabe ao tradutor, conforme Bergmann; Lisboa (2013, p. 21), “concentrar-se no texto original, traduzindo-o com fidelidade”.

Bergmann; Lisboa (2013, p. 21), ainda acrescenta que no século XIX, o tradutor era uma espécie de técnico da tradução. Melhor, o tradutor não podia inferir no texto, mesmo que este apresentasse sérios desvios de sentido.

Quando se fala das teorias aplicadas ao processo de tradução, qual destas é garantia de sucesso para o processo ensino-aprendizagem? O professor de L2 precisa ter clareza da importância do seu papel de formador, pois nenhuma teoria é mais importante do que a escolha exata daquilo que leva o seu aluno a aprender outro idioma. Baseando-se em Rapaport (2008, p. 74-5), o professor precisa ter ciência que o aluno de L2, busca o domínio das quatro habilidades linguísticas (audição, fala, leitura e escrita); seu papel é o de mediador deste conhecimento, caso contrário as aulas de L2 servirão apenas, para preencher espaço na grade curricular. Quando acontece!? Como salienta Brasil (1998, p. 24):

[...] essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular [...].

É importante ressaltar que o ensino de L2, na escola regular é garantido a todos os alunos brasileiros, a partir do 6º ano, como observa Brasil (1996, p. 6-7):

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

[...];

§ 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, [...].

Muitas são as teorias para o ensino de L2, já sua inclusão como disciplina de horários normais, que promove o crescimento cultural e linguístico do discente, ainda não é levada a sério por alguns estados do nosso país. Fruto de uma crença imposta de que o aluno não é capaz de aprender L2, na escola regular.

2.1 Uso do dicionário em aulas de Línguas Estrangeiras

“[...] as traduções ou são belas ou são fiéis”.
Lori Chamberlain (2005).

A Carta Magna de 1988 garante a todos os alunos ensino, e ensino de qualidade com vista a sua inserção no mercado de trabalho e, para que isso aconteça, é preciso que o professor de L2 tenha domínio de muitas teorias, além do uso apropriado do dicionário e das tecnologias educacionais para o processo

ensino-aprendizagem. Aqui, será dada especial atenção ao uso do dicionário por alunos aprendizes de L2, os principais dicionários utilizados no processo ensino-aprendizagem e aquele mais indicado para o uso em sala de aula regular.

Como descreve Bergmann; Lisboa (2013, p. 63), “discutir o uso do dicionário, seja para seu uso na vida cotidiana ou no ambiente escolar, ou na vida profissional, é algo inédito”.

O problema se acentua na crença de que seu uso impossibilita a aprendizagem de outro idioma, provocando vícios de consulta. Portanto, nenhum recurso pode ser abolido de forma avassaladora do processo de ensino-aprendizagem. O que provoca comportamento estranho é o professor não direcionar o seu aluno ao uso apropriado deste recurso. O dicionário é mais que um livro é um tira-teima, contudo seu uso em solo brasileiro não tem sido bem visto, como menciona Bergmann; Lisboa (2013, p. 64), ao afirmar que na França o dicionário está entre os livros mais procurados para consulta por leitores, estudantes de outros idiomas. No Brasil, tem sido o contrário, pois de acordo com Bergmann; Lisboa (2013, p. 64), “[...] sua consulta é vista como sinônimo, muitas vezes de burrice por parte do falante, [...]”.

O processo ensino-aprendizagem depende de acertos por parte do professor e do aluno. Principalmente pela imagem que o professor faz de certos recursos. O dicionário está entre estes recursos, que por questões culturais não têm sido incentivado como um dos recursos que proporciona a aprendizagem significativa de outro idioma.

A esse respeito o ensino de L2, precisa avançar bastante; já que segundo Silva; Scoville (2015, p. 627), “[...] proficiência e [...] fluência no idioma são a busca de todo estudante de línguas e o objetivo a ser alcançado por professores para com seus alunos”.

O dicionário; caracteriza-se como um elemento facilitador nesta busca pela proficiência, não podendo ser descartado ou criminalizado o seu uso. Quando se fala do uso do dicionário este está ainda entre um dos poucos recursos utilizados para o processo ensino-aprendizagem de L2. Sua importância é clara; consultar um dicionário não impossibilita o aprendiz de L2, de tornar-se proficiente, pelo contrário, ajuda o aprendiz a fixar novos vocábulos a cada consulta.

Dada à importância do dicionário físico, o mesmo pode ser considerado recurso didático apenas? Recurso tecnológico? O que é tecnologia? Procurando por autores que tratam dessa temática, Brito; Purificação (2015, p. 28), diz que tudo isso parte do conceito de técnica. O dicionário seria uma técnica? O dicionário é mais que isso. O dicionário é uma tecnologia educacional. E, quem afirma isso é Sancho (2001 apud BRITO; PURIFICAÇÃO, 2015, p. 30, grifos das autoras), ao informar que:

[...] as tecnologias são classificadas didaticamente [...] em três grandes grupos:

1. **Físicas** – São as inovações de instrumentais físicos, como caneta esferográfica, livro, telefone, aparelho celular, satélites, computadores.
2. **Organizadoras** – [...].
3. **Simbólicas** – [...].

Se você achava que tecnologia era apenas o uso do computador, da televisão, do rádio, etc. Enganou-se! O dicionário também é uma tecnologia, e uma tecnologia que se bem utilizada traz resultados satisfatórios na aprendizagem de L2.

O dicionário tem também uma relação parental legítima com a história da tradução, e seu uso não se destina apenas a estudantes de L2, médicos, advogados, tecnólogos e vários outros profissionais consultam cada vez mais dicionários especializados; uma forma de obter sucesso na sua área de formação e pesquisa. Surgindo então os mais variados tipos de dicionários.

Contudo, a intenção aqui não é descrever todos os tipos de dicionários, até porque não é esse o objetivo desse estudo, e faltaria espaço. Mostrar os mais usados no processo ensino-aprendizagem é de grande valia, já que não é interesse do autor do trabalho influenciar nenhum estudante de L2, a comprar este e/ou aquele dicionário, até porque nenhum dicionário por mais especializado quer seja, nunca atenderá a todas as expectativas do estudante de L2; ele é apenas um recurso que auxilia no processo ensino-aprendizagem de L2; uma vez usado corretamente.

Os principais dicionários de acordo com Bergmann; Lisboa (2013, p. 69), para o processo ensino-aprendizagem são eles: o monolíngue, o bilíngue, o de aprendizagem e o misto.

Segundo, Bergmann; Lisboa (2013, p. 69), o monolíngue é direcionado aos falantes de língua materna.

Novamente citando, Bergmann; Lisboa (2013, p. 69), o bilíngue é comumente utilizado por estudantes de L2, por apresentar a L1 e a L2, ou vice-versa.

Já, o que caracteriza o dicionário de aprendizagem, conforme Bergmann; Lisboa (2013, p. 69), é sua riqueza de exemplos.

E, o misto, parafraseando Bergmann; Lisboa (2013, p. 69), é uma junção dos dicionários monolíngue e bilíngue.

Isso não quer dizer, que existem apenas estes. A globalização exacerbada dos últimos tempos também possibilitou o desenvolvimento do mais sofisticado recurso conhecido como dicionário e, denominado aqui de dicionário eletrônico, cuja vantagem Bergmann; Lisboa (2013, p. 72), afirmam ser facilidade e rapidez a consulta de informações nele dispostas.

Com base no estudo o mais utilizado de todos os dicionários apresentados anteriormente, para o processo ensino-aprendizagem, na escola regular, e a nível local, é o bilíngue; afirmação dada conforme experiência de quase dez anos no campo da docência do componente curricular L2.

Vale acrescentar como já frisado anteriormente, que o dicionário esteve sempre presente na história da tradução; continua presente em aulas de L2, mesmo que de forma tímida, mas continua e irá continuar fazendo parte da vida acadêmica de estudantes e professores de L2, porque o dicionário físico, como recurso tecnológico, didático, é de fácil aquisição.

3 O CRESCENTE USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*As tecnologias evoluem em quatro direções fundamentais:
do analógico para o digital (digitalização)
do físico para o virtual (virtualização)
do fixo para o móvel (mobilidade)
do massivo para o individual (personalização).
Carly Fiorina (2013).*

Como visto anteriormente, o dicionário, além de está intimamente ligado a história da tradução, também se caracteriza por ser uma tecnologia educacional. E, os últimos tempos presenciou um crescimento vultuoso no campo das tecnologias, e em especial das tecnologias educacionais.

O que seria então tecnologia? Tecnologias educacionais? TICs? Tecnologias educacionais e TICs é a mesma coisa? As tecnologias aplicadas ao processo ensino-aprendizagem é uma descoberta do homem contemporâneo?

Vamos começar respondendo a última pergunta, por entender que é a partir dela que temos um panorama histórico preciso. Rapaport (2008, p. 104), afirma que: “[...] o uso de tecnologias no ensino datam, aproximadamente, de 2.500 a. C”.

Se o uso das tecnologias é tão antigo. O que vem a ser tecnologia? Bueno (1999 apud BRITO; PURIFICAÇÃO, 2015, p. 30, grifo dos autores), “[...] conceitua tecnologia como: **um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida [...]**”.

Entende-se então que a evolução do homem e a necessidade de gerar qualidade de vida foi o caminho para o desenvolvimento daquilo que denominamos de tecnologia, ou seja, o que hoje é denominado pela sociedade moderna de tecnologia, amanhã pode ser considerado lixo urbano e/ou eletrônico.

Já, as tecnologias educacionais vão além do uso do computador, como mostrado no subtítulo acima; livro, caneta, dicionário, etc. Tudo isso, e outros mais é tecnologia educacional. Apesar dos professores atrelarem o uso do computador as tecnologias educacionais, como se este fosse o único. Brito; Purificação (2015, p. 51), comenta que: “[...] há uma tendência de os profissionais da educação, de diversos níveis, pensarem apenas na ferramenta computador [...]”.

Quanto as TICs Brito; Purificação (2015, p. 36, grifo das autoras), comenta: “[...] as tecnologias da informação e da comunicação TIC **são [...] recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem ser os diferentes meios de comunicação (jornalismo impresso, rádio e televisão), os livros, os computadores, etc. [...]**”.

Portanto, existe uma diferença enorme entre TICs e tecnologias educacionais; entende-se por TICs, os meios pelos quais circulam as informações, ou seja, é o canal responsável por fazer circular os conhecimentos. Tecnologias educacionais, o contrário. São recursos que os professores dos diferentes níveis de ensino podem e devem usar na sala de aula, melhor é aquilo que já está pronto; sendo necessário fazer pequenos ajustes, quando necessário para a garantia do sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Dá-se a entender com base em Moran (2013, p. 92), que: “A escola continua a mesma, no essencial, mas há algumas inovações pontuais, periféricas, que começam a pressionar por uma mudança mais estrutural. [...]”.

Principalmente, para o ensino de L2 existem inúmeras inovações tecnológicas que servem de base para o processo ensino-aprendizagem. O uso do computador com acesso a banda larga é uma dessas grandes inovações, existem outras.

Daí a afirmação de Prensky (2001 apud COSTA, 2012, p. 72), “[...] a nova geração de alunos está habituada ao uso de tecnologias e a receber e assimilar informações rapidamente, esses sujeitos são nomeados nativos digitais”.

Assim sendo, vamos a uma rápida abordagem de recursos tecnológicos contemporâneos aplicados ao ensino de L2.

Sem exageros, a internet figura como o maior recurso tecnológico; uma espécie de fonte que leva o estudante, usuário da rede a consultar outras fontes. Um ótimo exemplo, de recurso tecnológico para tradução automática na internet é a ferramenta “Google Tradutor”, mas é preciso cuidado. Esta ferramenta não opera milagres. Cabendo ao professor mostrar os benefícios e riscos.

Bergmann; Lisboa (2013, p. 94), aponta que: “um texto não se caracteriza apenas por uma união de palavras codificadas em uma língua. As palavras possuem uma dimensão semântica”.

Também não se está afirmando, que o professor de L2, tenha que trabalhar apenas com a tradução de textos automáticos, o aluno busca proficiência na língua e, o professor deve usar as tecnologias educacionais como verdadeiras aliadas neste processo de ensino-aprendizagem.

Além do recurso tecnológico “Google Tradutor”; existem outros mecanismos de tradução disponíveis na rede, que são os sites especializados, aqui vão algumas dicas de Bergmann; Lisboa (2013, p. 94):

<http://babelfish.altavista.com/>
<http://oesi.cervantes.es/traduccion.jsp>
<http://www.freetranslation.com/>
<http://tr.voila.fr/>

Estas são algumas dicas, para você professor de L2, levar seu aluno a interação com a rede, não transformar claro seu aluno em um copista, mas inserir nas suas aulas, algo do qual o aluno já tenha conhecimento, gosto, minimizando a

desmotivação precoce deste discente e possibilitando o desenvolvimento de uma aula interativa, sendo o professor o responsável pelo planejamento e execução.

O professor de L2 pode ir mais além, e citando Rapaport (2008, p. 137-8-9-140), a mesma aponta novos mecanismos para o ensino de L2; são eles: o vídeo, o áudio, a música, o e-mail, conversas on-line, noticiários e o VHS, DVD.

Porquanto, Rapaport (2008, p. 141), chama à atenção dos professores dos diversos níveis; é preciso que toda a classe de educadores; esteja atenta ao surgimento das novas tecnologias, pois é fato, nossos alunos estarão sempre, sempre e sempre conectados.

É preciso, pois, entender que a tecnologia sozinha não faz milagre; usada sem finalidade pedagógica, também não surte efeito.

Cabe ao professor de L2; saber segundo Brasil (2000, p. 12), que: “as tecnologias estão no passado, no presente e estarão no futuro como armas humanas de desvendamento do universo natural e social. A problemática se encontra nas formas de seus usos e não nos fins de sua criação”.

Tendo em vista os argumentos apresentados, é importante frisar que nenhuma tecnologia, substituirá a ferramenta humana do professor de L2, pois o educador seleciona, planeja, executa e avalia o seu próprio trabalho; fazendo inferências quando necessário para a garantia do processo ensino-aprendizagem. As tecnologias educacionais são recursos, e não solução definitiva para todos os males da educação; seja ela, pública ou privada.

4 METODOLOGIA

Percebendo a necessidade de discussão sobre o tema, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, não descartando a experiência do autor deste artigo na docência da disciplina de L2. E, levando em consideração o que diz Brito; Purificação (2015, p. 25):

Como em outras épocas, neste início de século há uma expectativa grande de que as tecnologias nos trarão soluções rápidas para a melhoria da qualidade na educação. Porém, se esta dependesse somente das tecnologias, já teríamos encontrado as soluções há muito tempo. [...] a diversidade de situações pedagógicas permite a reelaboração e a construção do processo de ensino-aprendizagem.

Ainda quanto ao tipo de pesquisa Barros; Lehfeld (2007, p. 30), apontam que: “mesmo trabalhos inéditos exigem do pesquisador, qualquer que seja essa ou

aquela tipologia de pesquisa, o levantamento e a seleção de uma bibliografia concernente, pré-requisito indispensável para a construção [...]”.

Barros; Lehfeld (2007, p. 85), nos diz ainda, que a pesquisa de caráter bibliográfica é de fundamental importância, porque nos permite ter uma visão científica, para a seleção das informações e desenvolvimento de novos estudos.

Quanto à classificação da pesquisa Barros; Lehfeld (2007, p. 93), apontam a seguinte tipologia:

[...] ‘pesquisa pura’ ou ‘pesquisa básica’ [...] ‘o conhecer por conhecer’. É mais uma especulação mental a respeito de determinados fatos. É ainda chamada de pesquisa ‘pesquisa teórica’. Esse tipo de pesquisa não implica, em [...] ação interventiva [...].

Dessa forma, a presente pesquisa fez um itinerário da história da tradução e, sua relação com o ensino formal de L2; uso do dicionário em aulas de línguas estrangeiras; esclarecendo também dúvidas acerca do uso das tecnologias educacionais; especificamente para o uso apropriado destas no processo ensino-aprendizagem de L2; não descartando a importância do professor de L2 para o sucesso ensino-aprendizagem dos discentes em escolas regulares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que boa parte dos professores brasileiros entende por tecnologias educacionais: o uso do rádio, da televisão e do computador principalmente, porém as tecnologias educacionais vão, além disso, o dicionário físico é um bom exemplo disso.

Portanto, o uso das tecnologias educacionais em aulas de L2, não irá resolver a problemática da desmotivação discente. O professor de L2 precisa ter consciência da importância correta do uso destas tecnologias, pois caso contrário, afastará o aluno do ensino regular mais ainda, provocando uma ligeira desmotivação para o ensino-aprendizagem de L2.

Também é de fundamental importância que se capacite, não somente os professores de L2, para o trabalho com as novas tecnologias, mas todos os educadores de diferentes níveis e modalidades de ensino.

É de fundamental importância também que o professor seja habilitado para o ensino de L2; o aluno busca proficiência na língua e caso ele não encontre nas aulas de L2, ele vai à busca de cursos de idiomas, aumentando o velho preconceito cultural

de que o ensino de L2, na escola regular é mais um componente curricular na grade sem nenhuma funcionalidade. Um grande MITO, pois a escola regular assegura através dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Línguas Estrangeiras, ensino proficiente. Quebrando assim, todos os mitos culturais existentes acerca do ensino de L2.

Dá-se a entender, portanto, que as teorias de tradução e as tecnologias educacionais são aparatos, para que você aspirante a professor de L2 e professores de L2 tenham sucesso na execução de aulas deste componente curricular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

_____. Parâmetros curriculares nacionais. **Ensino médio**. Brasília: MEC, 2000.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BERGMANN, Juliana Cristina Faggion; LISBOA, Maria Fernanda Araújo. **Teoria e prática da tradução**. Curitiba: Intersaberes, 2013. (Coleção Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, v. 7).

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. [livro eletrônico]. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2015. (Série Tecnologias Educacionais).

COSTA, Thaís Bernardes. A influência da ferramenta digital “Google Tradutor” no processo de aprendizagem de língua inglesa. **Revista Eletrônica de Linguística**, UFTM, v. 6, n. 2, p. 73-93, 2º semestre de 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/18287/11137>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papirus, 2013. (Coleção Papirus Educação). 2.702 Kb; PDF.

RAPAPORT, Ruth. **Comunicação e tecnologia no ensino de línguas**. Curitiba: Ibpex, 2008. (Coleção Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, v. 8).

SILVA, André Natalino Castro; SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. O ensino da língua estrangeira: processos metodológicos na aprendizagem. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 10, n. 21, p. 627-642, set/dez. 2015. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/735/506>>. Acesso em: 14 jan. 2016.